

ENTREVISTA COM O PROFESSOR E HISTORIADOR ANDRÉ CHERVEL:

notas sobre uma história da formação de professores primários para o ensino inicial da leitura e escrita, no século XIX, na França¹

Bárbara Cortella Pereira de Oliveira

Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)

babicortella@yahoo.com.br

Introdução

A experiência de morar no exterior, estar em contato com outra cultura e língua, compreender o meu lugar no universo acadêmico francês foram desafios constantes para mim durante os 12 meses de estágio² de doutorado em Paris-França. A interlocução com novos pares das diferentes instituições de ensino e pesquisa que percorri, mais especificamente em França (Paris e Rouen) e Bélgica (Universidade de Mons), mesmo que restrita ou por vezes limitada pelas dificuldades com o idioma e a forte sensação de não pertencimento a uma sociedade, foi fundamental para o meu amadurecimento enquanto ser humano e pesquisadora em formação.

Essas diversas experiências (leituras, pesquisa, entrevistas³) contribuíram significativamente para ampliar minha compreensão sobre o sistema de ensino francês, sobretudo, sobre a formação de professores primários no século XIX e, em particular, sobre o processo de ensino da leitura e da escrita proposto nos cursos de formação das Escolas Normais francesas no fim do século XIX.

Do conjunto dessas importantes atividades acadêmicas desenvolvidas, em Paris, apresento minhas notas contendo a entrevista realizada com André Chervel, erudito e pesquisador pioneiro no campo da história das disciplinas escolares.

¹ A tradução deste texto para o francês foi elaborada pelo professor Rabah Boutrik (e-mail: culturafrancesa@hotmail.com). Para essa tarefa contamos, também, com a revisão criteriosa do professor André Chervel a quem agradeço, imensamente, pelas valiosas sugestões e leituras a fim de contribuir com essa publicação.

² Estágio desenvolvido entre março de 2011 e fevereiro de 2012, com bolsa Capes do “Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior” (PDSE, Processo n. 6558-10-0).

³ Realizei seis entrevistas com renomados professores do campo da História da Educação, a saber: André Chervel, Antoine Prost, Anne-Marie Chartier, Clemence Cardon-Quint, Jean Hébrard e Rebecca Rogers e a professora brasileira Angela Xavier de Brito, residente há mais de 30 anos, em Paris.

Estas notas iniciam-se com uma breve explicação em tom narrativo-memorialístico do contexto da entrevista (quem, como, quando, onde, por que, para que e para quem?). Em seguida, apresento sinteticamente alguns aspectos de sua vida e de sua vasta obra apresentados mediante a elaboração de um Instrumento de pesquisa⁴ (anexo ao final) contendo a Bibliografia de Chervel, a partir da consulta a bases de dados disponíveis na *internet*, em especial o Catálogo da *Bibliothèque Nationale de France* (BnF), Catálogo Mundial *WorldCat* (OCLC)⁵ e o *Open Edition*. Na última parte, apresento a transcrição da entrevista que teve duração total de 1 hora e 35 minutos, mas para os objetivos destas notas foram transcritos somente os 52 minutos iniciais da conversa.

1. A guisa de prólogo

Era 16 de dezembro de 2011, mais um dia cinzento de um rigoroso inverno, em Paris. Mesmo assim, meus estudos e pesquisas na sala de leitura “Histoire” da *Bibliothèque Nationale de France* “François-Mitterrand” – nível Rez-de-Jardin⁶ estavam cada vez mais frequentes, pois faltavam apenas dois meses para a conclusão do estágio de meu doutorado no exterior.

Naquela tarde, havia agendado a leitura de um documento na sala “Littérature” e algo inesperado aconteceu: avistei de longe um grande pesquisador do campo da história das disciplinas escolares – André Chervel: esse nome dispensa apresentação, mas o farei adiante, *bien sûr!*

Hesitei um pouco, mas me muni de coragem para conversar com ele. Pedi licença e me apresentei como pesquisadora brasileira em formação, do campo da história da alfabetização no Brasil⁷. Ele se surpreendeu como eu lhe havia reconhecido pessoalmente e eu expliquei a ele que no momento de minha chegada em Paris, em março daquele mesmo ano, participei de um Seminário⁸ na Escola Normal Superior, mas naquele momento não tive coragem de me apresentar a ele, por conta das dificuldades iniciais com a língua francesa. Discretamente, esboçou um sorriso e se dispôs a me escutar.

⁴ Esse Instrumento de Pesquisa contou com a revisão do professor André Chervel, a quem agradeço imensamente pela leitura cuidadosa e pelo envio da lista contendo os seus artigos publicados em periódicos.

⁵ Criado em 1967, é um catálogo em linha gerido pelo *Online Computer Library Center* (OCLC) e considerado o maior catálogo em linha do mundo. Para maiores informações, ver: <http://www.oclc.org/pt-americalatina/about.html>

⁶ “A BnF é constituída por duas bibliotecas: a Biblioteca de pesquisa, reservada para os leitores credenciados, e a Biblioteca de estudo, acessível a toda a gente a partir dos 16 anos. A Biblioteca de pesquisa permite consultar coleções patrimoniais em todos os formatos: impressos, audiovisuais, manuscritos, estampas, fotografias, etc. É constituída pelo andar inferior “Rez-de-jardin” do edifício François-Mitterrand, o edifício Richelieu-Louvois, a “Bibliothèque de l’Arsenal” e a “Bibliothèque-musée de l’Opéra”. Para maiores informações, consultar: http://www.bnf.fr/fr/outils/a.bem-vindo_a_bnf.html

⁷ Integrante, desde 2006, do Grupo de Pesquisa “História do ensino de língua e literatura no Brasil” (GPHELLB), liderado pela Prof^a. Dr^a. Maria do Rosário Longo Mortatti e vice-liderado pela Prof^a. Dr^a. Rosa Fátima de Souza.

⁸ “La transmission des savoirs dans un contexte scolaire: por une histoire pratique des disciplines d’enseignement (XVIIe-XXe siècles) [A transmissão dos saberes em um contexto escolar: por uma história prática das disciplinas do ensino (Séculos XVII-XX)]”, coordenado pelo Prof. Renaud d’Enfert (IFÉ).

Contei, resumidamente, que estava investigando questões sobre a história da formação de professores para o ensino inicial da leitura e da escrita⁹ e, para isto, desenvolvendo atividades acadêmicas vinculadas ao *Centre de Recherche sur le Brésil Colonial et Contemporain* [Centro de Pesquisa sobre o Brasil Colonial e Contemporâneo] (CRBC-EHESS) sob a orientação do Professor Jean Hébrard e orientação da Professora Maria do Rosário Longo Mortatti (UNESP-Marília), no Brasil.

Disse que, recentemente, havia lido seu *Recueils de textes officiels...*¹⁰, que estavam sendo muito importante para localização de indícios para minha tese de doutorado sobre as prescrições oficiais para o ensinar a ensinar leitura e escrita aos professores primários paulistas, formados pela Escola Normal de São Paulo, nas décadas finais do século XIX.

Nessa breve conversa, que não deve ter durado mais do que cinco minutos, o professor Chervel se dispôs a sair do conforto de sua casa em Aix-en-Provence (localizada no departamento de Bocas do Ródano, região Provença-Alpes-Costa Azul), para me conceder uma entrevista nas instalações do *Service d'histoire de l'éducation*¹¹ [Serviço de história de educação] (SHE), do Institut National de Recherche Pédagogique – INRP [Instituto Nacional de Pesquisa Pedagógica] situado, naquele momento, ainda à Rue D'Ulm, n. 29.

Jamais esquecerei a paciência pedagógica de André Chervel para com as minhas intermináveis questões, naquela tarde. Havia preparado um roteiro de entrevista semiestruturada cujas questões, em francês, apresento a seguir:

Paris, le 16 décembre 2011

ENTRETIEN AVEC LE M. LE PROFESSEUR ANDRÉ CHERVEL

[Entrevista com o Professor André Chervel]

Sur la formation des instituteurs pour l'enseignement initial de la lecture et de l'écriture en France, au XIX^{ème} siècle [Sobre a formação dos professores primários sobre o ensino inicial da leitura e da escrita na França, no século XIX]

⁹ Trata-se da tese de doutorado intitulada *Prescrições para ensinar a ensinar leitura e escrita na Escola Normal de São Paulo*: circulação de saberes pedagógicos Brasil/França (1874-1889) defendida por mim na Universidade Estadual Paulista (UNESP-Marília), em fevereiro de 2013.

¹⁰ CHERVEL, André. *L'enseignement Du français a l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de da Révolution à nos jours*. Paris: INRP, 1992. (Tome II: 1880-1939). Trata-se de um tipo específico de publicação contendo a citação direta das fontes documentais primárias consultadas nomeadas como Recueils (coleções/repertórios/compilações). Aqui no Brasil denominamos esse mesmo tipo de publicação como "Instrumento de Pesquisa" (BELOTTO, 1979).

¹¹ Atualmente, denominado *Institut Français de l'Éducation* (IFÉ), situado na Escola Normal Superior de Lyon-França.

- 1) **À votre avis, est-il possible de comprendre l'histoire de la formation des instituteurs à partir de sources documentaires officielles?** [Na opinião do senhor, é possível compreender a história da formação dos professores primários a partir de documentos oficiais?]
- 2) **Quel était le discours officiel sur la formation des intituteurs, au XIX^{ème} siècle, en France?** [Qual era o discurso oficial sobre a formação dos professores primários, no século XIX, na França?]
- 3) **À votre avis, quelles étaient les connaissances nécessaires et enseignées pour la formation des instituteurs en France, au XIX^{ème} siècle?** [Na opinião do senhor, quais eram os saberes necessários para a formação do professor primário, na França, no século XIX?]
- 4) **En ce qui concerne à l'enseignement initial de la lecture et de l'écriture quel type de formation les élèves-maîtres des cours normaux ou des écoles normales ont reçu, au XIX^{ème} siècle?** [Em relação ao ensino inicial da leitura e da escrita, qual o tipo de formação os alunos dos cursos normais ou das escolas normais receberam, no século XIX?]
- 5) **La formation pratique des élèves-maîtres dans les écoles annexes à les écoles normales a réelement fonctionné, en France?** [A formação prática dos alunos nas escolas anexas às Escolas Normais existiu, realmente, na França?]
- 6) **Les manuels de l'enseignement utilisés dans les écoles normales ont eu un rôle important dans la formation des instituteurs?** [Os manuais de ensino utilizados nas Escolas Normais tiveram um papel importante na formação dos professores primários?]

Essas questões serviram apenas para nortear a nossa conversa inicial. No entanto, muitos outros assuntos foram surgindo durante a entrevista devido à erudição e ao vasto conhecimento do entrevistado e também porque, após nove meses de leituras e estudos, eu começava a sentir que estava conseguindo me apropriar de forma mais clara de pontos da história do ensino da língua materna na França que, até aquele momento, estavam obscuros para mim.

Passados quase quatro anos da realização dessa entrevista e dois da defesa da minha tese de doutorado, tomei coragem para escutá-la novamente. É claro que utilizei muitas informações cedidas por Chervel nessa entrevista e em seus *Recueils de textes officiels...* para a elaboração da argumentação da tese, mas grande parte da entrevista ficou na memória do meu computador, aguardando o momento para ser transcrita.

Hesitei diversas vezes em tornar pública essa entrevista enquanto fazia a transcrição. Primeiramente, por serem questões específicas que estavam apenas a serviço de esclarecer pontos poucos compreendidos por mim dessa história e, em segundo lugar, pela avidez com que fui colocando as questões para o entrevistado a fim de resolver algumas questões teóricas que me afligiam, naquele momento, desconsiderando alguns protocolos de formalidade da cultura francesa que somente agora pude perceber.

No entanto, por considerar uma importante contribuição para o campo de conhecimento em questão, transcrevi a entrevista que está organizada em três momentos centrais: apresentação informal do entrevistado e da entrevistadora, em seguida (e o que corresponde ao maior tempo de gravação) as questões que havia preparado e tantas outras que foram surgindo ao longo da conversa, e a parte final, em que retomo algumas dúvidas decorrentes da língua e da cultura francesa, que decidi não transcrever neste texto por considerar um momento mais informal.

2. André Chervel¹²: historiador erudito e pioneiro na história do ensino da língua francesa



Fonte: Universidade de Genebra (2012). Fotografia: Jaques Erard

¹² Neste tópico apresento importantes aspectos da vida e obra de André Chervel. Embora a Bibliografia de André Chervel (anexada ao final deste texto) contenha uma relação completa de teses, livros, artigos em periódicos, textos em anais de evento e repertórios contendo fontes documentais digitalizadas, é importante ressaltar que apresento neste tópico apenas uma síntese dos livros publicados.

Como já mencionei, anteriormente, o nome de André Chervel dispensa qualquer tipo de apresentação não apenas pela merecida consagração do título de Doutor *Honoris Causa*¹³ mas, sobretudo, pela importante contribuição de sua vasta produção escrita (QUADRO 1) reconhecida nacional e internacionalmente, e pelo seu pioneirismo no campo da história cultural e das disciplinas escolares, sobretudo, a história do ensino da língua francesa.

Quadro 1 – Bibliografia de André Chervel

TIPO DE TEXTO	TESE	LIVROS	ARTIGOS EM PERIÓDICOS	ANAIS DE EVENTOS	TOTAL
ANO DE PUBLICAÇÃO					
1966	-	-	1	-	1
1969	-	1	-	-	1
1971	-	-	1	-	1
1977	1	1	-	-	1
1978	-	1	-	-	1
1979	-	-	2	-	2
1981	1	-	-	-	1
1982	-	1	-	-	1
1983	-	-	2	-	2
1985	-	-	1	1	2
1986	-	1	-	1	2
1987	-	-	1	-	1
1988	-	1	1	-	2
1989	-	2	-	-	2
1990	-	-	2	-	2
1991	-	-	2	1	3
1992	-	1	1	-	1
1993	-	2	-	-	2
1994	-	-	1	-	1
1995	-	2	-	-	2
1997	-	-	1	-	1
1998	-	1	-	-	1
1999	-	1	1	-	2
2000	-	1	-	-	1
2006	-	1	-	-	1
2008	-	1	-	1	2
2009	-	-	1	-	1
2010	-	-	1	-	1
2012	-	-	1	-	1
TOTAL	1	19	20	4	44

Fonte: Instrumento de Pesquisa (OLIVEIRA, 2015)

¹³ “É uma forma de homenagem por meio da qual se exprime gratidão a alguém e se procede ao reconhecimento público pelo seu valioso contributo no exercício de uma determinada profissão, no serviço prestado à comunidade ou na defesa de uma causa importante. Concedem-se doutoramentos honorários àquelas pessoas que tenham se destacado especialmente por trabalho humanitário ou científico.” Para maiores informações, conferir: <http://www.unicamp.br/unicamp/imprensa/premios-e-distincoes/doutor-honoris-causa>

Na França, André Chervel integrou uma geração de pesquisadores pioneiros no campo da história da educação francesa, nas décadas de 1970 e 1980, que propuseram uma profunda renovação no modo de compreender e fazer a história mediante “novos” problemas, objetos e abordagens, a partir de uma história cultural e social. No Brasil, desde a década de 1990, suas valiosas contribuições em torno das questões sobre a história da cultura e das disciplinas escolares vêm inspirando e sendo referencial teórico para numerosos pesquisadores do campo da história da educação no desdobramento de suas pesquisas.

André Chervel nasceu em 5 de novembro de 1931, na cidade de *Lille*, região norte da França. Com apenas 22 anos, foi professor de francês e línguas antigas nos colégios e liceus, nas cidades de *Bastia*¹⁴ e *Marseille*. Em 1955, passou no concurso de agregação¹⁵ em Gramática. Entre 1962 e 1963, foi Professor Assistente da disciplina “Grego antigo” na Faculdade de Letras de Argel, capital da Argélia.

Durante dez anos (1964-1974), Chervel foi professor da disciplina “Linguística francesa” na Faculdade de Letras da Universidade de *Aix-Marseille*. De 1970 a 1971, ensinou como Professor Visitante na Universidade de Califórnia em Santa-Bárbara-EUA. Tanto em Provence como em Santa Bárbara contou com a parceria de sua colega Claire Blanche-Benveniste¹⁶ com quem publicou em coautoria o *L'Orthographe [A ortografia]*. Esse livro foi publicado pela primeira vez em 1969 e teve uma edição ampliada, em 1978, atingindo o total de 20 edições.

Em 1977, defendeu sua tese de doutorado em Letras intitulada *Le développement de la grammaire scolaire du français depuis le début du XIXe siècle. Théorie grammaticale et contraintes pédagogiques [O desenvolvimento da gramática escolar do francês desde o início do século XIX. Teoria gramatical e problemas pedagógicos]*, na Universidade Paris 8 – Vincennes Saint-Denis. Nesse mesmo ano, teve publicado como síntese de sua tese *Il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français: histoire de la grammaire scolaire [É preciso ensinar a todas as crianças francesas a escrever: história da gramática escolar]*, que teve 20 edições publicadas, entre 1977 e 1981.

Em 1982, inventariou manuais de ensino de gramática cujo resultado apresentou em *Grammaires françaises: 1800-1914: répertoire chronologique*¹⁷ [*Gramáticas francesas: 1800-1914: repertório cronológico*]. Em 2000, esse repertório teve publicada uma 2ª edição revista e aumentada, totalizando 14 edições entre 1982 e 2000.

¹⁴ Bastia é capital do departamento francês da Alta Córsega, na ilha da Córsega e *Marseille* situa-se no Sul da França, considerada a segunda cidade mais populosa do país.

¹⁵ Concurso para recrutamento de professores de liceus.

¹⁶ Nasceu em 1935 e faleceu em 2010. Especialista em Letras Modernas e Doutora em Letras. Linguista, professora na Universidade de Provence, Aix-Marseille I e diretora de estudos na Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, em Paris.

¹⁷ Disponível em: <http://projects.chass.utoronto.ca/langueXIX/chervel/>. Acesso em: 10 out. 2015.

Em 1983, ingressou como Pesquisador Associado no *Service d'histoire de l'éducation (SHE – INRP)*, em Paris, onde permaneceu até o momento de sua aposentadoria em 1997, demonstrando sua incansável dedicação e rigor acadêmico na elaboração de importantes e generosas coleções contendo fontes documentais primárias localizadas nos mais diversos arquivos franceses por ele consultados ao longo de décadas, contribuindo para a melhor compreensão e produção de uma longa duração histórica sobre diferentes temas e momentos históricos.

Em 1986, teve publicado *Les Auteurs français, latins et grecs au programme de l'enseignement secondaire de 1800 à nos jours* [Autores franceses, latinos e gregos no programa de ensino secundário de 1800 a nossos dias]. Esse livro teve o total de nove edições.

Em 1988, organizou conjuntamente com seus colegas da Universidade de Provence Claire Blanche-Benveniste e Maurice Gross¹⁸ um conjunto de estudos de diversos autores intitulado *Grammaire et histoire de la grammaire: hommage à la mémoire de Jean Stéfanini*¹⁹ [Gramática e história da gramática: homenagem à memória de Jean Stéfanini], totalizando 12 edições nesse mesmo ano.

Em maio desse mesmo ano, teve publicado o artigo “L'histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherche” [“História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa”] na revista *Histoire de l'éducation* que foi traduzido para o português, dois anos mais tarde, na revista *Teoria & Educação* e tornou-se referência obrigatória para aqueles que estudam as questões das disciplinas escolares no Brasil.

Em 1989, publicou em coautoria com Daniele Manesse²⁰ *La Dictée, les Français et l'orthographe: 1873-1987*, em que analisam a relação dos franceses com as questões ortográficas presentes nos ditados, abrangendo um período de mais de cem anos (1873-1987). Esse livro teve o total de oito edições, em 1989. Nesse mesmo ano, teve publicado também o relatório de pesquisa em coautoria com Daniele Manesse *Comparaison de deux ensembles de dictées: méthodologie et résultats* [Comparação de dois conjuntos de ditados: metodologia e resultados].

Em 1992, teve publicado em coautoria com Pierre Coll pela primeira vez o *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours (1791-1879)* [O ensino do francês na escola primária: textos oficiais concernente ao ensino primário da Revolução aos nossos dias]. Esse 1º volume de textos oficiais teve sete edições publicadas nesse mesmo ano.

¹⁸ Maurice Gross (1934-2001) desenvolveu, em meados de 1960, a teoria do léxico-gramática, um método e uma prática efetiva de descrição formal das línguas. Para maiores informações, conferir: http://www.cairn.info/article.php?ID_ARTICLE=TL_046_0145

¹⁹ Jean Stéfanini (1917-1985), professor de Linguística na Universidade de Aix-en-Provence.

²⁰ De 1990 a 2006, foi mestre de Conferências no Departamento de Linguística da Université Paris V-“René Descartes”. Desde 2006, Professora na Universidade Paris 3-Sorbonne. Informações disponíveis em: <file:///C:/Users/B%C3%A1rbara/Downloads/daniele-manesse-cv-mars-2015.pdf>

Em 1993, teve publicado o *Histoire de l'agrégation*²¹: contribution à l'histoire de la culture scolaire [*História da agregação*: contribuição para a história da cultura escolar], que teve seis edições. Ainda nesse mesmo ano, teve publicado *Les lauréats des concours d'agrégation de l'enseignement secondaire: 1821-1950* [*Os laureados dos concursos de agregação do ensino secundário: 1821-1950*], com três edições publicadas.

Em 1995, publicou o 2º volume do *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours (1880-1939)*. Esse volume teve três edições publicadas, nesse mesmo ano. Ainda em 1995, teve publicado o 3º volume do *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours (1940-1995)*, também com três edições, nesse ano. É importante ressaltar que os três volumes dessa Coleção de textos oficiais abrangem mais de duzentos anos de história do ensino do francês nas escolas primárias francesas e contêm a transcrição de importantes fontes documentais que foram localizadas, recuperadas, selecionadas, ordenadas e reunidas nessas obras.

Em 1997, Chervel teve publicado em coautoria com Marie-Madeleine Compère²² o livro *Les humanités classiques* [*As humanidades clássicas*], que teve três edições. Em maio desse mesmo ano, tiveram publicados o artigo científico "*Les humanités dans l'histoire de l'enseignement français*", na revista *Histoire de l'Education* que, dois anos mais tarde, foi traduzido para o português na revista *Educação e Pesquisa* (USP).

Em 1998, teve publicado o livro *La culture scolaire: une approche historique* [*A cultura escolar: uma abordagem histórica*], que teve nesse mesmo ano oito edições. No ano seguinte, teve publicado *La composition française au XIXe siècle*²³: dans les principaux concours et examens de l'agrégation au baccalauréat [*A composição francesa no século XIX: nos principais concursos e exames da agregação ao baccalauréat*] que nesse mesmo ano teve três edições publicadas.

Em 2006, teve publicado *Histoire de l'enseignement du français du XVIIIe au XXe siècle* [*História do ensino do francês do século XVII ao XX*] com o total de 831 páginas e nove edições publicadas, entre 2006 e 2008. Segundo Anne-Marie Chartier²⁴ (2007), esse livro é o ponto forte de sua carreira de pesquisador

²¹ Para informações sobre concurso de agregação, na França, conferir: CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. Les candidats à l'agrégation de l'université de Paris, 1766-1791. Disponible sur : <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agreg>. Accédé le 10 out. 2015 et CHERVEL, André. Les agrégés de l'Université, répertoire chronologique (1809-1960). Disponible sur : <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agreg>. Accédé le 10 out. 2015.

²² Aspectos sobre a produção escrita de Marie-Madeleine Compère (1946-2007), conferir: <http://histoire-education.revues.org/2058>

²³ CHERVEL, André. La composition latine au baccalauréat 1853-1880. Disponible sur : <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=complat>. Accédé le 10 out. 2015.

²⁴ CHARTIER, Anne-Marie, Chronique "histoire de l'enseignement". André Chervel : l'invention du français comme discipline, *Le français aujourd'hui*, n. 158, mar.2007, p. 99-105. Disponivel em: www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2007-3-page-99.htm. Acesso em: 3 out. 2015.

fora da universidade, uma obra de referência para ser lido e consultado por pesquisadores, visto que apresenta uma característica de dicionário (milhares de notas bibliográficas; de referências dos arquivos consultados; 38 tabelas e pesquisas em anexo) e ao mesmo tempo compõe um verdadeiro quadro de dada época. Após um ano de sua publicação, esse livro recebeu da Academia Francesa o *Prix Guizot*²⁵ (Prêmio Guizot Medalha de Prata).

Em 2008, teve publicado *L'orthographe en crise à l'école: et si l'histoire montrait le chemin?* [A ortografia em crise na escola: e se a história mostrasse o caminho?]²⁶, com cinco edições no mesmo ano. Um dos livros menos extensos de sua obra (80 páginas), mas que segundo os críticos franceses é uma verdadeira obra de maturidade do pesquisador, em que aborda as mudanças e problemáticas enfrentadas ao longo da história do ensino da ortografia na escola francesa, em quase duzentos anos (1650-1835), com uma profundidade magistral.

Em 12 de outubro de 2012, recebeu da Universidade de Genebra-Suíça o título de Doutor *Honoris Causa* por sua inestimável contribuição à comunidade científica pelo conjunto de sua obra ao longo de sua carreira como professor e pesquisador do campo da história da educação.

A partir da análise do conjunto da obra de André Chervel, é possível notar a originalidade e o valor de seus trabalhos acadêmicos que se apoiam sobre um profundo conhecimento das fontes documentais inéditas localizadas, selecionadas, reunidas e analisadas sobre a história do ensino. A elaboração desses repertórios e compilação de dados é fruto de um árduo, rigoroso e apaixonante trabalho ao longo dos anos em arquivos, realizado não apenas pelo grau de erudição do pesquisador, mas por sua vontade inacabada de “conhecer para compreender”, que inspirou uma geração de pesquisadores na França e continuará sendo referência para os pesquisadores do campo da História da Educação francesa e brasileira.

3. Entrevista com o professor e historiador da educação André Chervel

Bárbara Oliveira: Estou cursando o terceiro ano de doutorado na Universidade Estadual Paulista (UNESP-Marília) e minhas investigações situam-se, em linhas gerais, no campo da história da alfabetização.

²⁵ Prêmio Anual criado, em 1994, por reagrupamentos das Fundações Guizot, Chodron de Courcel, Yvan Loiseau et Eugène Piccard. Destinado ao autor de uma obra de história geral. Para saber mais, conferir: <http://www.academie-francaise.fr/prix-guizot>

²⁶ Para maiores informações, conferir a resenha do livro disponível em: http://www.persee.fr/doc/hel_0750-8069_2009_num_31_1_3263_t9_0195_0000_. Acesso em: 03 out. 2015.

André Chervel: Eu já te contei que eu estive há 20 anos, no Brasil? Mas estive apenas na Universidade de São Paulo (USP) para proferir algumas conferências no campo da história da educação.

Bárbara: Gostaria que você nos contasse um pouco sobre o seu percurso profissional.

Chervel: Na origem, eu fui professor do Ensino Secundário (colégios e liceus). Passei na agregação de gramática (em 1955). Em 1964, entrei na Faculdade de Letras de Aix-en-Provence para ensinar a linguística francesa. Eu ensinei em Aix-en-Provence e na Universidade de Califórnia, em Santa Bárbara (EUA). Na França, eu ensinei durante dez anos e depois abandonei o Ensino Superior. Eu me tornei pesquisador no Serviço de História de Educação, isto quer dizer que eu passei da linguística à história da gramática e à história do ensino da língua francesa.

Bárbara: Como surgiu o seu interesse sobre pesquisar essa temática em sua carreira?

Chervel: Eu sempre tive o interesse pela história e a partir do momento em que comecei a escrever (foi o que me possibilitou ir para os EUA, em 1969) com um colega, Claire Blanche-Benveniste, uma obra sobre a ortografia. Isto faz mais de 40 anos. O que me levou a me interessar pela história da ortografia e a história do ensino da ortografia. Foi quando me dei conta, à época, que seria difícil, ao menos com minha formação e a minha forma de espírito, compreender bem um assunto se você não o situasse em um contexto da linguística, no âmbito da sociologia e sociocultural, ou seja, a escola. O ensino e a ortografia estão fortemente relacionados. Eu, pouco a pouco, debrucei-me sobre a história da gramática, defendi minha tese sobre esse tema e, em seguida, ingressei no Serviço de História da Educação.

Bárbara: Num certo sentido, meu interesse pela pesquisa histórica assemelha-se ao seu percurso, pois eu sou pedagoga de formação e não historiadora. Em minha pesquisa de mestrado²⁷ analisei uma cartilha intitulada *Meu livro: primeiras leituras de acordo com o método analítico* (1909) e um livro de leitura *Meu livro: segundas leituras de acordo com o método analítico* (1910) do professor paulista Theodoro de Moraes (1877-1946), que tematizou e concretizou o método analítico para o ensino inicial da leitura pelo método analítico, no Brasil. Portanto, pouco a pouco desenvolvi meu interesse pela pesquisa histórica em alfabetização.

²⁷ Trata-se da dissertação de mestrado defendida em 2009 e publicada em livro, em 2013 (PEREIRA 2009; 2013).

Chervel: É preciso esclarecer que o termo “Alfabetização”, na França, designa um sentido diferente do brasileiro – ensino inicial da leitura e da escrita. O termo “alfabetizar” refere-se à população como um todo e não a um indivíduo, como no Brasil. Por exemplo, quando Fidel Castro chegou a Cuba, há 50 anos, houve a alfabetização de Cuba, ou seja, uma mudança sociológica e cultural de um país. Vocês aplicam esse termo a um indivíduo e, na França, aplicamos a países que tiveram um forte analfabetismo.

Bárbara: Você poderia me contar qual o momento em que a palavra “alfabetização” aparece nos documentos oficiais, no século XIX, na França?

Chervel: Como acabei de mencionar, o termo alfabetização não era usado para designar o momento em que as crianças aprendiam a ler/escrever, nós utilizamos esse termo somente no sentido de extinguir o analfabetismo da população. Não é o mesmo sentido que vocês utilizam no Brasil. A diferença é uma questão terminológica: em vez do termo “alfabetização”, nós usamos ensino da leitura e da escrita.

Bárbara: Quando iniciou, no século XIX, a formação institucional de professores primários na França?

Chervel: Antes do século XIX, não havia formação de professores primários. Talvez, podemos dizer que havia algumas escolas católicas. A formação de professores primários começou, pouco a pouco, com a criação das Escolas Normais.

Bárbara: Mas e os Cursos Normais?

Chervel: Os Cursos Normais eram considerados abaixo das Escolas Normais, ou seja, escolas primárias em que o professor recebia alguns jovens – futuros professores primários – que iriam trabalhar para aprender a profissão. Mas o início da formação de professores na França é a partir da criação das Escolas Normais. A primeira em Strasbourg, em 1810, e algumas outras ainda e, sobretudo, a partir de 1829 houve um movimento praticamente geral, na França, para a criação de uma Escola Normal em cada departamento. Guizot criou uma lei que decide que haverá Escolas Normais para homens somente, pois para as mulheres elas serão criadas apenas no fim do século XIX. Ao lado das Escolas Normais, há escolas anexas que serviam para os alunos treinarem o que aprendiam.

Bárbara: Qual era o objetivo principal da formação de professores primários na Escola Normal?

Chervel: Eu penso que o primeiro objetivo era dar-lhes conhecimentos que não tinham. Eles não sabiam a ortografia, a gramática e matemática. Eles chegavam às Escolas Normais sabendo ler, escrever, ensinavam a religião e

tinham alguns rudimentos da aritmética. Eles sabiam e ensinavam isto, em sua grande maioria. O que traziam para a Escola Normal, inicialmente, era mais uma formação individual do que uma formação de professor. Eles vão aprender também novos métodos de ensino em matéria de leitura e de escrita, a preparar uma aula, etc. É sem dúvida o mais difícil de adquirir, uma vez que se adquirem com a prática da profissão. Fixou-se um exame para todos. Ele devia passar no exame elementar em que havia um ditado, uma redação, um problema de matemática e exercícios de cálculo.

Bárbara: Então, a formação inicial de professores era mais voltada para o ensino da gramática e da ortografia do que o ensinar a ensinar a leitura e a escrita, de fato? As aulas práticas das escolas anexas funcionaram realmente na prática?

Chervel: Eu considero que as aulas para os normalistas funcionaram na prática, mas seria preciso voltar a analisar os Relatórios (localizados no acervo do Arquivo Nacional da França) que os inspetores gerais escreveram no momento de suas andanças por todo o país. Todos os inspetores das Escolas Normais escreveram esse tipo de relatório. Mas não posso precisar como era o funcionamento do ensino prático dos alunos mestres das Escolas Normais nas Escolas Anexas.

Bárbara: Você considera que todos os professores primários à época, na França, deveriam saber ensinar as crianças a ler e escrever?

Chervel: Há uma excelente obra que talvez você conheça, que é o livro *Lire e écrire* (1977), de Furet e Ozouf²⁸, que representa bem essa situação, na França. Há um caso muito particular e limitado que chamamos as Beatas no sul, a 150 km de Paris. É uma ordem religiosa de mulheres católicas que somente ensinavam a leitura. As moças deviam aprender a ler, mas não deviam dizer nada. Não era permitido que elas escrevessem – um espírito bastante tradicional francês e de um setor da igreja católica da época.

Bárbara: Desde o início, o professor primário deveria saber ensinar a ler e escrever?

Chervel: Sim, esse caso das Beatas é realmente uma exceção. A leitura é a base. Além disso, iniciava-se o ensino pela leitura cuja aprendizagem era exercitada durante vários anos, antes de começar o período da escrita para aqueles alunos que passaram para as aulas de escrita onde era ensinada, sobretudo, a caligrafia.

²⁸ Trata-se do livro *Lire et Écrire : l'alphabétisation des français de Calvin à Jules Ferry* (1977), de Françoise Furet e Jacques Ozouf.

Bárbara: O que você está preparando como tese de doutorado?

Chervel: Aqui na França, estou fazendo um estágio de doutorado no CRBC, sob a supervisão do Prof. Jean Hébrard e também tenho contado com importantes orientações da Profa. Anne-Marie Chartier. Conheci, pessoalmente, Anne-Marie em 2010 quando integrei a Comissão Organizadora do I Congresso Brasileiro de Alfabetização (CONBALF), na UNESP-Marília. Na BnF, tenho buscado fontes documentais oficiais (tais como Programas de ensino, Relatórios, Regulamentos, circulares, etc.) que possuam indícios sobre a formação para o ensino inicial da leitura e escrita de futuros professores primários formados pelas Escolas Normais Francesas, no século XIX.

Bárbara: Em sua opinião, é possível compreender a história da formação de professores primários a partir das fontes documentais oficiais?

Chervel: É uma pergunta bastante ampla.

Bárbara: Coloco esta questão, pois o senhor trabalhou com o ensino da língua francesa nas escolas primárias, a partir de textos oficiais, não?

Chervel: Sim, mas eu justifico essa escolha na introdução do meu livro. E, há aproximadamente cinco anos, eu publiquei *Histoire de l'enseignement du français Du XVII e au XX e siècle*, não sei se você conhece. Além disso, a leitura e a escrita não significam o mesmo que ensino da língua francesa, uma vez que no Antigo Regime se ensinava ler em latim, pelo menos até as escolas dos irmãos cristãos. Ensinava-se a ler em latim por uma razão simples, porque a ortografia francesa daquela época era muito mais complicada que a nossa de hoje.

Bárbara: Nesse momento não havia uma unidade nacional de língua? Havia muitos dialetos na França, do século XIX?

Chervel: Exatamente. Havia dialetos, mas também línguas regionais, como o italiano na Corsa, o alemão na zona da Alsácia.

Bárbara: E o latim era usado para unificar a nação?

Chervel: Não. Era especialmente por duas razões: a leitura e o livro, em uma França muito distante dessa, era em latim. No século XVI, século da Reforma e Contra Reforma católica, havia uma quantidade enorme de publicações em latim, também em italiano, inglês e algumas em espanhol, mas, sobretudo, em latim e francês, logicamente. O latim estava presente no centro da formação das pessoas e de suas preocupações. E há uma literatura latina que permanece, na França, até metade do século XVII com pessoas que liam e publicavam em latim. Portanto, o latim fez parte da cultura da maioria dos franceses, possibilitava se comunicar com estrangeiros, pelo menos com os estudiosos, e havia também outras duas vantagens, naquela época: era

a língua da igreja católica e isso contava muito. Como exemplo, quando o padre tinha necessidade de ensaiar as crianças do coral que não sabiam ler (entendido aqui apenas como pronúncia e não compreensão) o latim. Portanto, naquela época, a igreja tinha a necessidade de formar as crianças em latim. E em segundo lugar e, sobretudo, para todas as crianças inclusive as meninas, o latim é muito mais fácil de adquirir como leitura. Esse ensino começava em latim e depois o aluno passava do latim ao francês até as escolas dos irmãos cristãos, ou seja, até o início do século XIX. Então, é por isso que a aprendizagem da leitura não fazia parte de minhas preocupações centrais, quando eu escrevi a história do ensino do francês, pois não se ensinava o francês pela leitura.

Bárbara: Na introdução de seu livro *L'enseignement du français à l'école primaire...* o senhor faz uma longa explicação sobre o uso dos textos oficiais como fonte documental. O senhor vê algum problema no uso dessas fontes, uma vez que há poucos indícios sobre a prática do ensino, como, por exemplo, os traços das aulas práticas nas Escolas Anexas à Escola Normal?

Chervel: Primeiramente, são as fontes documentais mais fáceis de localizar, isto nos permite dar um quadro geral. Mas, evidentemente, se a gente fica apenas com os textos/discursos oficiais, pode-se ter uma imagem equivocada do que se ensinava àquela época. Eles indicam o que seria preciso fazer, mas não dizem o que foi feito realmente. Isto ajuda conhecer os problemas de salas de aula, os problemas que os monitores enfrentavam, as diferentes divisões nas salas (curso elementar, médio e superior), etc. O que o professor deve fazer quando há crianças de todas as idades, o que ele ensina a cada divisão, etc. Graças aos textos oficiais, pode-se penetrar, apesar de todas as ressalvas, nas problemáticas das aulas do século XIX.

Bárbara: Em sua opinião, qual era o discurso oficial mais corrente sobre a formação dos professores primários, no século XIX?

Chervel: Primeiramente, é necessário melhor compreender o que você está chamando de “discurso oficial”. É o Estado com suas grandes orientações políticas? A direção do ensino primário?

Bárbara: Perdão, vou tentar explicar melhor a questão. Qual o tipo de formação que eles desejavam nesse momento?

Chervel: Houve o momento em que se decidiu lançar uma formação geral, com Guizot (não por acaso, protestante de uma família tradicional). Guizot, Félix Pecault, Jules Steeg. Os grandes protestantes da época de Jules Ferry, evidentemente, continuam de certa maneira essa tradição que consiste em distanciar o ensino da igreja católica.

Bárbara: Então, podemos dizer que o Estado almejava a formação do professor primário que devia ensinar conteúdos moralizantes?

Chervel: Guizot promulgou a lei “Guizot” (1833), e a instrução moral e religiosa fazia parte das grandes orientações do Estado contidas nos Programas de ensino. Próximo a 1850, no II Império, Fourtoul começa a querer suprimir as Escolas Normais. Ele não conseguirá, uma vez que suprimir as escolas normais é, finalmente, devolver o ensino à igreja católica. Ele não conseguirá, pois a França já estava evoluída demais e, em seguida, é o contrário que vai se passar com Jules Ferry: a separação da Igreja e do Estado no campo escolar. Essas são as grandes orientações do Governo, mas quando falamos da formação do professor para o ensino inicial da leitura e da escrita, um não joga tanto sobre o outro. A formação dos professores para o ensino da leitura e escrita é a parte superior do Ensino Primário, ou seja, os Inspectores Gerais, as pessoas que estavam no Ministério e se interessavam sobre essa questão. Há uma continuidade, se você quiser, com uma evolução considerável. O momento mais importante sobre o ensino da leitura e da com escrita, para mim, situa-se por volta de 1870 e 1880, em que o professor começa a se dar conta de que é insuficiente se contentar a ensinar a ler e escrever. É preciso que a leitura veicule conteúdos e que a criança se interesse por que o professor lê e que aprenda a ler belos textos e a recitá-los. Esse é o início de um ensino completamente renovado que Jules Ferry vai prescrever em seu Regulamento, em 1882, com o novo Programa de ensino para as escolas primárias. Até então, quando a criança sabia, grosso modo, digo isto porque falamos de 40 a 50 mil professores primários e professoras (multiplica-se esse número por dois). Para nós, trata-se apenas de ter uma ideia do que essa grande massa de professores primários faziam e ensinavam. Até 1880, quando a criança sabia ler (ser capaz de decifrar um texto) em voz alta, passava-se ao ensino da escrita e de outras coisas, em que havia pessoas que deixavam a escola, etc. Havia aqueles que aprendiam no começo do ensino a ortografia, mas, no Curso Médio, a grande mudança é que os professores se dão conta, e é isso que vai modificar profundamente, não é a chegada de um protestante à direção. Há uma evolução geral da sociedade, quando eles se dão conta de que era preciso que as crianças atingissem a leitura inteligente.

Bárbara: Para a formação dos futuros professores primários da Escola Normal de São Paulo, utilizavam-se alguns manuais de ensino de autores franceses (como, por exemplo, Jean Baptiste Daligault, Irenée Carré e Roger Liquier, Paul Rousselet). O senhor considera que os manuais de ensino tiveram um papel importante na formação dos professores primários, no século XIX, na França?

Chervel: Minha ideia geral, entre a atividade profissional do professor e o que se diz e o que se faz em torno, vai na direção de dois sentidos. Sempre

superestimamos o que havia sido impresso, mediante o fácil acesso às bibliotecas, ou regulamentos oficiais, ou às leis, ou às pressões políticas quando queríamos ter uma imagem do passado. Eu tenho uma tendência a ver aquilo que vinha da base, o que faziam os professores primários. Eles estavam em contato com os alunos, que são uma realidade humana cheia de mudanças ao longo do tempo, com os pais de alunos também e, finalmente, para mim, os textos oficiais desempenham um papel decisivo. Os manuais de ensino exprimem uma experiência: a experiência de um professor.

Bárbara: Pode-se considerar manuais de ensino, por exemplo os de pedagogia, como textos oficiais, em sua opinião? Porque eles foram escritos por inspetores e/ou diretores dessas instituições, e são pessoas com um estatuto oficial. Pergunto isso, porque em meu texto de qualificação de doutorado eu considerei que os manuais de ensino foram utilizados como uma certa função oficial para difundir conteúdos oficiais, embora na maioria dos casos tenham autoria pessoal. Na verdade gostaria de saber se aqui na França há também esse sentido?

Chervel: Certamente, principalmente se foram escritos por diretores e professores de Escolas Normais. Eu vou tentar colocar essa questão em perspectiva. Quando você toma os textos oficiais, eles mesmos não constituem um conjunto completamente homogêneo, descartando por um instante os manuais. Você tem as grandes leis sobre a educação. Depois se cria um ministério, um primeiro ministro do conselho, um presidente da república, um ditador – Napoleão III, etc. Você tem uma direção do Estado. As grandes orientações vão ser fixadas pelas leis e decretos que são chamados “Prescrições” sobre a realeza, ou seja, até 1848, e é o que há de mais oficial, em seguida um ministro vai publicar um “decreto” (regulamentos, etc.) e depois o mesmo ministro vai publicar uma “circular” (porque o decreto não é suficiente). Em seguida, nos diferentes departamentos, na França, teremos os inspetores que dirão “isto aqui” ou “acolá”, os inspetores da academia que vão publicar alguma coisa, etc. A gente sai pouco a pouco da característica fundamental das leis primitivas, se você quiser. Todos os textos oficiais não são também oficiais, se eu posso dizer assim, pois eu estou forçando um pouco. Os manuais escolares podem se situar nessa hierarquia talvez mais alto que algumas diretivas que carregam uma nomenclatura oficial. Você está compreendendo o que estou tentando dizer? É preciso olhar para os objetos de investigação de uma maneira um pouco mais maleável.

4. A guisa de epílogo

Primavera de 2015, acabo de passar no concurso para ministrar a disciplina “Alfabetização e Letramento” da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), *campus* de Cuiabá, e para minha grata surpresa há algumas semanas recebi o convite para publicar uma entrevista com alguma personalidade do campo da Alfabetização, no segundo número da *Revista eletrônica da Associação Brasileira de Alfabetização – ABAIf*.

Imediatamente, lembrei-me da entrevista concedida há quase quatro anos pelo renomado historiador da educação francesa, André Chervel, que embora não seja pesquisador das questões específicas do campo da Alfabetização, pela sua erudição, contribuiu (como não poderia deixar de ser) imensamente para ampliar meus horizontes sobre as questões da história da alfabetização que investigava naquele momento.

Ser estudante de doutorado, em Paris, significou a realização de um sonho que alterou completamente meu modo de ser e de olhar para o mundo enquanto ser humano e também como pesquisadora em formação. O enfrentamento diário de questões simples do cotidiano, o estudo e as pesquisas (localização, seleção, recuperação, organização e leitura de fontes documentais) em uma língua estrangeira complexa como o francês foi um grande desafio e aprendizado para mim, sem dúvida.

Conhecer pessoalmente e entrevistar um autor que é uma importante referência teórica para o campo de conhecimento da história da educação, em especial da cultura e disciplinas escolares, foi um passo bastante ousado de minha parte, que exigiu sim muita coragem. Talvez o professor André Chervel não tenha compreendido a insistência de minhas questões, naquele momento, mas toda a atenção, paciência pedagógica e o respeito que recebi dele naquele dia aguçaram, mais ainda, minha vontade de ser professora/pesquisadora, pois sua grandeza intelectual dissipou minhas angústias naqueles dias escuros de inverno parisiense.

Certamente, em minha tese de doutorado tive que deixar para trás muitas questões pensadas, debatidas e não resolvidas para aquele momento. Do vasto conjunto de documentos oficiais que localizei e recuperei, ao longo da pesquisa no Brasil e na França, selecionei como *corpus* documental os Regulamentos para o funcionamento da Escola Normal da Província de São Paulo (1874 e 1880) por serem eles representativos dos embates desse momento histórico, portadores de discursos oficiais, visando à regulamentação da Escola Normal de São Paulo e à formação de professores; objeto de debate por parte dos legisladores, administradores e intelectuais da Instrução Pública paulista.

Selecionei, ainda, como *corpus* documental os manuais de ensino de João Köpke; Ernest Legouvé; Jean Baptiste Daligault, Irenée Carrée; Roger Liquier e Gabriel Compayré, por considerar que são também portadores de um discurso

oficial sobre formação de professores, especificamente, para ensinar normalistas a ensinar leitura e escrita. O critério da escolha para a análise dos manuais de autores franceses foi a prescrição desses manuais de ensino franceses para a formação de normalistas paulistas, habilitados pela Escola Normal de São Paulo.

Propus-me, então, a compreender quais eram os saberes (teóricos, metodológicos e práticos) prescritos para ensinar normalistas a ensinar leitura e escrita na Escola Normal de São Paulo, entre 1874 e 1889, e sua relação com o modelo francês para essa formação. Constatei que uma das vias para circulação da matriz teórica francesa para a formação de normalistas paulistas foi a utilização de manuais de ensino franceses (portadores de determinados saberes específicos com conteúdo sintetizado e método a ser seguido), em especial manuais de Pedagogia, para ensinar a ensinar leitura e escrita.

Os manuais de ensino de Jean Baptiste Daligault, Ernest Legouvé, Irénée Carré e Roger Liquier, e Gabriel Compayré, foram prescritos nos catálogos para as Escolas Normais francesas e também nos catálogos da Biblioteca da Escola Normal de São Paulo, em 1875 e 1885, indicativos da circulação de saberes entre Brasil e França. Esses manuais de ensino, destinados ao uso dos normalistas, continham capítulos sobre ensinar a ensinar leitura e escrita a crianças, pois pressupunham que os normalistas (brasileiros ou franceses) também deveriam saber “alfabetizar”, dentre outros conhecimentos.

Constatei, ainda, que os Regulamentos analisados contêm um conjunto de normas para ensinar normalistas a ensinar leitura e escrita: programas de ensino, conferências pedagógicas obrigatórias, dissertações pedagógicas e informações sobre a constituição de uma biblioteca, a fim de ampliar os conhecimentos dos professores e normalistas de acordo com o que havia de mais moderno sobre o assunto. E, ainda, que os normalistas habilitados pela Escola Normal de São Paulo, entre 1874 e 1889, foram fortemente inspirados pela matriz francesa para formação de professores para o ensino inicial da leitura e escrita, assim como os saberes pedagógicos necessários para esse ensino: cientificidade, racionalidade e ensino metódico, leitura como “arte” (técnica); leitura em voz alta; exercício de caligrafia, cópia, ditado; conferências pedagógicas; bibliotecas escolares; manuais de ensino; e museus escolares.

Referências

BELLOTTO, Heloisa Liberalli. Os instrumentos de pesquisa no processo historiográfico. In: Congresso Brasileiro de Arquivologia, 4., 1979, *Anais...*, p. 133-147.

CHARTIER, Anne-Marie, Chronique “histoire de l’enseignement”. André Chervel: l’invention du français comme discipline, *Le français aujourd’hui*, n. 158, mar. 2007, p. 99-105. Disponível em: www.cairn.info/revue-le-francais-aujourd-hui-2007-3-page-99.htm. Acesso em: 3 out. 2015.

FURET, François; OZOUF, Jacques. *Lire et écrire: l'alphabétisation des français de Calvin à Jules Ferry*. Paris: Les Editions de Minuit, 1977. (2 v.)

PEREIRA, Bárbara Cortella. *Theodoro de Moraes (1877-1956): um pioneiro no ensino da leitura pelo método analítico no Brasil*. 2009. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília. 2009.

_____. *Theodoro de Moraes na história da alfabetização no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. *Prescrições para ensinar a ensinar leitura e escrita na Escola Normal de São Paulo: circulação de saberes pedagógicos Brasil/França (1874-1889)*. 258f. 2013. TESE (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2013.

OLIVEIRA, Bárbara Cortella Pereira de. *Instrumento de Pesquisa: bibliografia de André Chervel*. (digitado)

Instrumento de Pesquisa²⁹: Bibliografia³⁰ de André Chervel

1. Tese

CHERVEL, André. *Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français: histoire de la grammaire scolaire*. Paris: Payot, 1977. 306 p. // réédition: *Histoire de la grammaire scolaire: et il fallut apprendre à écrire à tous les petits Français*. 1981. 304 p.

2. Livros

BLANCHE-BENVENISTE, Claire; CHERVEL, André. *L'Orthographe*. Paris: F. Maspero, 1969. 238 p. // Nouvelle Ed. Paris: F. Maspero, 1978. 260 p.

_____. *Les Grammaires françaises: 1800-1914: répertoire chronologique*. Paris: Institut national de recherche pédagogique, 1982. 223 p. // 2e éd. rev. et augm., 2000. 226 p.

_____. *Les Auteurs français, latins et grecs au programme de l'enseignement secondaire de 1800 à nos jours*. Paris: Institut national de recherche pédagogique, 1986. 388 p.

BLANCHE-BENVENISTE, Claire; CHERVEL, André; GROSS, Maurice. *Grammaire et histoire de la grammaire: hommage à la mémoire de Jean Stéfanini*. Aix-en-Provence: Université de Provence, 1988. 494 p.

CHERVEL, André; MANESSE, Danièle. *La Dictée: les Français et l'orthographe: 1873-1987*. Paris: INRP: Calmann-Lévy, 1989. 287 p.

_____. *Comparaison de deux ensembles de dictées: méthodologie et résultats*. Paris: Institut national de la recherche pédagogique, 1989. 172 p.

²⁹ As referências contidas nas seções deste instrumento de pesquisa são apresentadas por ordem cronológica de publicação e não por ordem alfabética de acordo com as normas da ABNT.

³⁰ As informações sobre a Bibliografia de André Chervel foram localizadas por mim nas bases de dados do *Catalogue Général* da BnF: <http://catalogue.bnf.fr/servelet/RechercheEquation?host=catalogue;WorldCat:http://www.worldcat.org/identities/lccn-n83-012114/>; e OpenEdition: <http://search.openedition.org/index.php?q=andr%C3%A9+chervel&s=Histoire+de+l%E2%80%99C3%A9ducation>.

CHERVEL, André; COLL, Pierre. *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours. Tome I, 1791-1879*. Paris: Institut national de recherche pédagogique; Éd. Économica, 1992. 368 p.

CHERVEL, André. *Histoire de l'agrégation: contribution à l'histoire de la culture scolaire*. Paris: Institut national de recherche pédagogique; Éd. Kimé, 1993. 289 p.

_____. *Les lauréats des concours d'agrégation de l'enseignement secondaire 1821-1950*. Paris: Institut national de recherche pédagogique, 1993. 150 p.

_____. *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours. Tome II, 1880-1939*. Paris: Institut national de recherche pédagogique; Éd. Économica, 1995. 506 p.

_____. *L'enseignement du français à l'école primaire: textes officiels concernant l'enseignement primaire de la Révolution à nos jours. Tome III, 1940-1995*. Paris: Institut national de recherche pédagogique; Éd. Économica, 1995. 644.

CHERVEL, André. *La culture scolaire: une approche historique*. Paris: Belin, 1998. 238 p.

_____. *La composition française au XIXe siècle: dans les principaux concours et examens de l'agrégation au baccalauréat*. Paris: Vuibert; INRP, 1999. 592 p.

_____. *Histoire de l'enseignement du français du XVIIIe au XXe siècle*. Paris: Retz, 2006. 831 p.

_____. *L'orthographe en crise à l'école: et si l'histoire montrait le chemin?* Paris: Retz, DL 2008. 79 p.

3. Artigos em periódicos

CHERVEL, André; BLANCHE-BENVENISTE, Claire. Recherches sur le syntagme substantif, *Cahiers de Lexicologie*, vol. IX, 1966, 2, p. 3-37.

CHERVEL, André. Les noms des États des États-Unis au complément de lieu, *The French Review*, Baltimore, mai 1971, vol. XLIV, n. 6.

_____. Rhétorique et grammaire: petite histoire du circonstanciel, *Langue française*, n. 41, numéro spécial, *Sur la grammaire traditionnelle*, février 1979, p. 5-19.

_____. Le débat sur l'arbitraire du signe au XIXe siècle, *Romantisme*, 1979, n. 25-26, p. 3-33.

_____. Y a-t-il une tradition grammaticale belge?, *Enjeux, Revue de didactique du français*, Namur, n. 4, automne 1983, p. 73-88.

_____. La langue parlée au XIXe siècle, *Recherches sur le français parlé*, Groupe aixois de recherche en syntaxe, n. 5, 1983, p. 163-175.

_____. En latin dans le texte, *Reflète, revue des enseignants de français langue étrangère*, Paris, n. 12, 1985, p. 46-47; n. 13, 1985, p. 40-41.

_____. L'histoire des disciplines scolaires: réflexions sur un domaine de recherche, *Histoire de l'éducation*, n° 38, mai 1988, p. 59-119. Trad. portugaise, *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*, *Teoria & Educação*, n. 2, 1990 (avril 1991), Porto Alegre (Brésil), p. 177-229.

_____. Le niveau des études a-t-il baissé en France depuis un siècle?, *Bulletin de l'Association japonaise de recherche sur l'éducation en France*, n. 2, Tokyo, septembre 1990 trad. portugaise, *Educação, meta francesa in AMAE, Educando*, ano XXIV, n° 219, mai 1991, Belo Horizonte (Brésil), p. 37-39.

CHERVEL, André. Die französische Rechtschreibreform, *Deutsche Sprache, Zeitschrift für Theorie, Praxis, Dokumentation*, Heft 1/1991, Institut für deutsche Sprache, Mannheim; p. 68-76 // Texte français, La réforme de l'orthographe en France, *Le Français aujourd'hui*, n. 97, mars 1992, p. 105-113.

_____. Les humanités classiques, et la genèse de la notion de programme, in Chantal Demonque (dir.), *Qu'est-ce qu'un programme d'enseignement?* Paris, CNDP, Hachette-éducation, 1994, p. 13-25.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. Les humanités dans l'histoire de l'enseignement français. *Histoire de l'Éducation*. n.74. mai. 1997. p. 5-38. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/hedu_0221-6280_1997_num_74_1_2907. Acesso em: 3 out. 2015.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educ. Pesqui.* [online]. 1999, vol. 25, n. 2, p. 149-170. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n2/v25n2a12.pdf>. Acesso em: 3 out. 2015.

_____. Les agrégés d'avant le concours (1809-1821), *Histoire de l'éducation*, n. 124, oct.-déc. 2009, p. 135-170

_____. Les humanités classiques: la fin du modèle rhétorique (1800-1880), in *Enseigner les humanités. Enjeux, programmes et méthodes de la fin du XVIIIe siècle à nos jours* (Jean-Noël Laurenti & Romain Vignest éd.), Paris, Kimé, 2010, p. 65-78.

_____. Grammaire scolaire et grammaires savantes: la transposition didactique en question, in [Bernard Colombat, Jean-Marie Fournier et Valérie Raby, éd.] *Vers une histoire générale de la grammaire française. Matériaux et perspectives*, Paris, Champion, 2012, p. 325-350.

4. Textos em anais de eventos

CHERVEL, André. Observations sur l'histoire de l'enseignement de la composition française, *Histoire de l'éducation*, janvier 1987, n. 33, p. 21-34. // id. in *Apprendre – Enseigner à produire des textes écrits, Actes du IIIe colloque international de didactique du français*, Namur, 09 – 1986, sous la dir. de J.-L. Chiss, J.-P. Laurent, J.-C. Meyer, H. Romian, B. Schnewwly, Bruxelles, De Boeck – Wesmael, 1987, p. 109-121.

_____. Remarques sur l'histoire de l'enseignement de la lecture, in *La Lecture, un passeport pour la réussite*, Actes du Colloque organisé au CRDP d'Amiens le 17 avril 1985, CRDP d'Amiens, mars 1987, p. 5-12

_____. L'Enseignement des langues dans les collèges de l'Oratoire au XVIIIe siècle, *Le Collège de Riom et l'enseignement oratorien en France au XVIIIe siècle, Colloque organisé à Riom, 28-30 mars 1991, textes réunis et présentés par Jean Ehrard*, Paris, CNRS éditions, Oxford, Voltaire foundation, 1993, p. 229-237.

_____. L'enseignement du français au XIXe siècle vu à travers une épreuve orale du baccalauréat, in *Le baccalauréat: 1808-2008, Certification française ou pratique européenne?*, sous la dir. de Philippe Marchand, Actes du colloques de Lille, 14, 15 et 16 mai 2008 (collection *Hors Série* de la *Revue du Nord*), p. 251-263

5. Repertórios contendo fontes documentais digitalizadas

CHERVEL, André. Les Grammaires françaises 1800-1914. Répertoire chronologique. Disponível em: <http://www.chass.utoronto.ca/epc/langueXIX/>. Acesso em: 10 out. 2015.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. Les candidats à l'agrégation de l'université de Paris, 1766-1791. Disponível em: <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agreg>. Acesso em: 10 out. 2015.

CHERVEL, André. Les professeurs des facultés des lettres de province 1810-1880 // Intégré dans Répertoire des professeurs des facultés des lettres et des sciences en France (1808-1880), par Françoise Huguet et Boris Noguès. Disponível em: <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=enseignants>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. Les agrégés de l'Université, répertoire chronologique (1809-1960). Disponível em: <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=agreg>. Acesso em: 10 out. 2015.

_____. La composition latine au baccalauréat 1853-1880 // Disponível em: <http://rhe.ish-lyon.cnrs.fr/?q=complat>. Acesso em: 10 out. 2015.